



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE TURISMO

ELTON GUTOCK

ESPORTES COMO ATRATIVO TURÍSTICO NO PARQUE VILA VELHA

PONTA GROSSA - PR

2022

ELTON GUTOCK

ESPORTES COMO ATRATIVO TURÍSTICO NO PARQUE VILA VELHA

Projeto de pesquisa apresentado para obtenção do título de Bacharel em Turismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo II.

Orientador(a): Prof. Dra. Jasmine Cardozo Moreira.

PONTA GROSSA – PR

2022

SUMÁRIO

1	TEMA3
2	PROBLEMA3
3	JUSTIFICATIVA4
4	OBJETIVOS4
4.1	OBJETIVO GERAL5
4.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS5
5	METODOLOGIA6
6	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA7
7	CRONOGRAMA9
	REFERÊNCIAS17
	APÊNDICES Error! Bookmark not defined.
	ANEXOS Error! Bookmark not defined.



1 TEMA

ESPORTES COMO ATRATIVO TURÍSTICO NO PARQUE VILA VELHA

2 PROBLEMA

Os esportes de aventura são vistos como atração turística no Parque Vila Velha?

3 JUSTIFICATIVA

Não é de hoje que o turismo vem tornando-se um importante fator responsável pelo crescimento da economia nacional. O turismo de aventura, diferente do que muitos pensam, não está associado a atividades perigosas ou radicais, ele é caracterizado por atividades procuradas por pessoas que gostam de adrenalina e diversão de uma maneira não competitiva, apenas como um esporte em meio à natureza. Quando juntamos essas atividades num lugar onde já há o turismo, precisamos pensar não somente na questão financeira que isso irá gerar, mas também em todo o processo de segurança, do impacto na comunidade local, nos turistas e obviamente no próprio ambiente natural. Segundo Maroun e Vieira (2007), há o olhar positivo na relação entre a interação do homem com a natureza, porém, essa mesma interação merece atenção, já que o crescimento dessas modalidades esportivas no âmbito natural junto ao aumento no número dos praticantes acaba explorando consideravelmente a área onde as atividades estão sendo realizadas.

Dados apontam que essa modalidade é a segunda mais procurada por turistas no Paraná, totalizando 16,2% (Mtur, 2020). Não é a toa que vem se destacando nos Parques dos Campos Gerais, visto suas belas paisagens que proporcionam uma diversão completa com adrenalina e contemplação.

O intuito deste trabalho é analisar quais esportes ligados ao Turismo de Aventura são realizados nas Unidades de Conservação, e se estão ligados diretamente na decisão do turista visitar os Parques dos Campos Gerais. A ideia é verificar se esses visitantes estão, a fim de sair da zona de conforto e realizar novas experiências, ou se essas atividades apenas são realizados por consequência do passeio. A pesquisa será através de pesquisas bibliográficas, questionários, etc. Espera-se que esses resultados mostrem os tipos de turistas que esses parques atraem e qual a importância das atividades esportivas na visão de cada um.

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo geral: Identificar as Unidades de Conservação na categoria parques localizados nos Campos Gerais que possuem esportes de aventura e analisar se os mesmos são considerados os principais atrativos desses parques, através da opinião dos turistas.

4.2 Objetivos específicos:

- a) Descrever o que são os esportes de aventura e seu papel como atrativo turístico.
- b) Identificar quais os tipos de esportes são os mais procurados e apontar quais não estão disponíveis nos parques.
- c) Relatar o motivo da procura dos turistas por esses esportes.

5 METODOLOGIA

O presente estudo se caracteriza como descritivo-exploratório e a pesquisa apresenta um caráter qualitativo, de modo com que será apresentada a definição e a diferença dos esportes de aventura e dos esportes radicais, ambos realizados na presença da natureza. Os principais temas serão: esportes de aventura, esportes radicais, turismo e Parque Vila Velha.

A ideia é apresentar teoricamente os esportes de aventura existentes e os esportes existentes no parque referido e esclarecer o porquê foram escolhidos alguns desses esportes como atrativos e outros não.

Para identificar os tipos de esportes mais procurados pelos turistas serão coletados dados através de entrevistas e questionários, e então, comparados com os esportes oferecidos pelos parques descobriremos se os turistas acham aquilo que procuram.

Por fim, serão apresentados os motivos dos turistas praticarem esses esportes no Parque Vila Velha, como busca por adrenalina, diversão ou contemplação, com o intuito de compreendermos o papel dessas atividades como atrativo turístico.

Essa pesquisa será de âmbito exploratória e de campo. Moreira (2011) relata que a pesquisa exploratória é uma estratégia de contextualização teórica e empírica da investigação. E Minayo (2012) aponta que a pesquisa de campo se constitui como uma etapa essencial da pesquisa qualitativa, bem como momento de aproximação entre o pesquisador e a realidade sobre a qual formulou sua problemática, assim como, estabelece uma interação com os sujeitos que conformam a realidade, construindo um conhecimento empírico.

Os resultados serão encontrados através da análise do conteúdo que serão obtidos com a pesquisa de campo.

6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

6.1 Atividades de Aventura

As atividades de aventura são praticadas em meio à natureza, divididas em três elementos: água, terra e ar e, não é determinante que o praticante utilize o uso da força física. Esses esportes são praticados com os possíveis cuidados de segurança, utilização de equipamentos, assistência de profissionais e visa não causar impactos negativos à natureza.

Os esportes de aventura vêm crescendo constantemente e atualmente diversos locais turísticos incluíram algumas modalidades dessas atividades em suas instalações, visando disponibilizar mais atrativos e aumentar seu fluxo turístico, já que homens, mulheres, crianças ou idosos podem praticá-los desde que possuam idade, peso ou altura nas modalidades em que ocorre essa exigência. Atualmente, está muito comum pessoas com deficiência praticar essas atividades devido à acessibilidade que muitos locais estão adotando, porém, infelizmente não são todas as modalidades que proporcionam a prática. Considera-se esses esportes como atividades não competitivas realizadas na presença da natureza e na maioria das vezes as pessoas estão em busca de aventura, diversão, contemplação e obviamente existe uma parcela de risco físico nessas atividades, já que muitas vezes são praticadas em meio à altura, velocidade, água, etc., portanto, requer um controle emocional de seus praticantes. Embora existam procedimentos cuja ideia é proteger a integridade física e emocional dos praticantes, obter controle total dos riscos acaba diminuindo relativamente à atratividade e as emoções que esses praticantes buscam (MORGAN e FLUKER, 2006; PAGE et al., 2003; RYAN, 2003; PEISER et al., 2006).

A definição de esportes de aventura, um conceito amplo da Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN), foi adotado por Pimentel (2006):

são comuns termos como “esportes de “aventura”, “esportes californianos”, “esportes alternativos” ou “esportes radicais”. Porém, a palavra esporte pode confundir e reduzir o tipo de fenômeno que acontece no meio ambiente natural. Afinal, exploração de cavernas ou acampar, por exemplo, estão longe do que se convencionou chamar esportes. Como o contato com a natureza se faz com um corpo e esse corpo produz um sistema lógico de interações com o meio, através de movimentos e posturas, o desfrutar – lúdico – da natureza depende de uma gama muito ampla de atividades corporais sistematizadas – boa parte sem a codificação esportiva. Não obstante essas considerações, empiricamente se evidenciam diferenças entre o “esportista” e o “turista” na prática das AFAN. Embora uma forma se alimente da outra, sendo ambas as experiências de lazer, trespassadas muitas vezes pelo viés mercadológico, no uso esportivo o praticante opta pelo treinamento e, via de regra, aquisição do próprio material, visando contínuo domínio sobre o equipamento e autonomia sobre a atividade (p.14).

Sobre os esportes de aventura, foi enviado ao Conselho Nacional de Esporte, um documento denominado “Esporte de Aventura: Carta de São Paulo” de 25 de agosto de 2005 com a ideia de que fosse criada uma Comissão de Esporte de Aventura (CEAV) para a conceituação, organização e desenvolvimento dos esportes de aventura no país. Mais tarde, essa comissão tornou-se permanente e foi instituída pela Resolução nº 15, de 19 de setembro de 2006:

Art. 1º. Instituir a Comissão de Esporte de Aventura, com a finalidade de:

- I - definir ações que permitam conceituar esportes de aventura, esportes ligados à natureza e esportes radicais;
- II - propor ações para tornar possível a elaboração de regras que regerão a prática dos esportes de aventura, esportes radicais e esportes ligados à natureza, incluindo-se também ações de promoção do turismo de aventura e da convivência harmônica com o meio ambiente, respeitadas as garantias constitucionais;
- III - estabelecer contato com o setor esportivo, nas esferas pública e privada, tendo por objetivo desenvolver regras que se apliquem à prática das modalidades de esporte de aventura, esportes radicais e esportes ligados à natureza;
- IV - fazer observar, na elaboração das regras da prática dos esportes de aventura, radicais e ligados à natureza, os acordos internacionais de que o Brasil seja signatário, referentes a esporte, turismo e meio ambiente; e,

- V - propor programa de implantação das regras elaboradas.

O turismo de aventura vem crescendo nas diversas localidades do mundo e a busca pela imersão cultural, social e ambiental é bastante comum pelos seus praticantes, que aderem à pluralidade das práticas esportivas de aventura e na natureza (CORIOLANO; MORAIS, 2011). É um tipo de turismo bastante procurado a nível mundial, uma vez que envolve diversas atividades naturais que muitas vezes se inserem em ambientes que possuem características muito distintas das características habituais do cotidiano (SILVA, 2014).

As atividades que integram os esportes de aventura foram divididas em três grupos de elementos naturais, sendo terra, água e mar. (Ministério do Turismo, 2007). Na terra as atividades são: arborismo, bungee jump, atividades em cavernas, atividades equestres, atividades fora da estrada, cachoeirismo, canionismo, caminhadas, escalada, montanhismo, rapel e tirolesa. Na água são: bóia-cross, canoagem, mergulho e rafting. E no ar são: asa delta, balonismo, parapente, paraquedismo e ultraleve.

Turismo de Aventura

A palavra aventura origina-se do latim *adventura* e é entendida como aquilo que ainda não aconteceu, ou seja, algo que está por vir. Apesar de apresentarem diferentes conceitos e definições, muitas pessoas confundem ou pensam que não há diferença entre os seguintes segmentos: Turismo de Aventura, Turismo de Esportes e Ecoturismo. De acordo com o Ministério do Turismo (2006), esses segmentos possuem conceitos próprios e nem sempre seus praticantes possuem o mesmo perfil:

“Turismo de aventura compreende os movimentos turísticos decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter recreativo e não competitivo. Turismo de Esportes compreende as atividades turísticas decorrentes da prática, envolvimento ou observação de modalidades esportivas. Ecoturismo é um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações”. (Ministério do Turismo, 2006, **PÁGINAS DIFERENTES**).

No turismo, as atividades de aventura são realizadas de modo a se obter sensações de liberdade, contemplação, desafios leves e como algo não competitivo, levando em consideração os prazeres da recreação, podendo ser realizada em ambientes naturais, rural, urbano, áreas protegidas, entre outros. A intensidade dos desafios dessas atividades pode variar de acordo com questões físicas e/ou psicológicas de cada praticante, visto que existem várias atividades de aventura e que dependendo da modalidade pode ser realizada em diversos ambientes e nem sempre o praticante irá realizá-la através de locais que as ofereça em suas instalações. Portanto, essas atividades podem ser de responsabilidade total e individual de cada praticante que é quando são praticadas sem um prestador desses serviços, em contra partida, quando o praticante realiza as atividades de aventura prestada por uma empresa, denomina-se responsabilidade solidária.

A existência do Turismo de Aventura não se dá apenas pela prática dos esportes em meio à natureza, conta também com movimentos turísticos, tais como hospedagem, alimentação, transporte, recepção e condução de turistas, recreação e entretenimento, operação e agenciamento, além de outros fatores que se adentram ao mercado em prol do turismo. Esses movimentos fazem com que a realização do Turismo de Aventura aconteça, logo, as atividades de aventura também são turísticas.

SEGURANÇA NO TURISMO DE AVENTURA

Como vimos, o fator físico e psicológico de cada pessoa vai determinar o nível de intensidade dos desafios propostos por cada atividade de aventura. Sabendo disso, a maneira com que serão realizadas as normas, regulamentos, certificações, entre outras questões que visam à segurança deve ser particular em cada modalidade. O Sistema de Gestão de Segurança do Turismo de Aventura conta com algumas normas técnicas de modo a evitar acidentes levando em consideração os riscos das atividades realizadas, os equipamentos de segurança, a manutenção constante nos veículos e nos equipamentos de segurança, o treinamento e capacitação do profissional, conhecimento de primeiros-socorros em caso de emergência, conhecimento da localização dos hospitais mais próximos, recursos de comunicação, avisos que indiquem sobre animais peçonhentos e atenção nas alterações climáticas como trombas d'água, chuvas e ventos fortes, entre outros. **Almeida (2008) afirma que nos esporte de aventura, o risco é um elemento que possibilita uma sociabilidade entre os praticantes, ou seja, enfrentam situações de vulnerabilidade**

como quedas, colisões, escoriações, fraturas, afogamentos, mal-estar, entre outros (ASHCROFT, 2001).

Sabendo das diversas possibilidades que podem levar riscos à segurança do turista, existem alguns procedimentos que podem ser utilizados como um plano de contingência que é planejado através de responsabilidades, ações e recursos quando há perigo de acontecer uma emergência e quando há de fato uma emergência. Nesse caso, é importante planejar antecipadamente rotas de fuga, ter acesso ao resgate, conhecer a localização do hospital mais próximo e ter presente veículos alternativos. Outro importante procedimento é o de emergência, planejado através de responsabilidade, ações e recursos quando ocorrem situações de emergência como lesões, doenças e até a morte.

Vimos que o modo como a segurança é estabelecida nas atividades de aventura varia de acordo com a modalidade, ou seja, dependendo da modalidade a ser praticada, os itens de segurança e os recursos a ser adotados em possíveis acidentes precisam adequar-se a ela, variando conforme o nível de dificuldade e onde está inserida. Isso se dá pela vasta quantidade de modalidades consideradas atividades de aventura.

Segundo o Ministério do Turismo (2006), as modalidades de atividades de aventura dividem-se em três grupos, sendo os elementos da natureza terra, água e ar, podendo ser realizadas em ambientes abertos, fechados, naturais e construídos dependendo do caso. São elas:

TERRA	ÁGUA	AR
Arvorismo	Bóia-Cross	Asa Delta
Atividades Ciclísticas	Canoagem	Balonismo
Atividades em Caverna	Mergulho	Parapente
Atividades Equestres	<i>Rafting</i>	Paraquedismo
Atividades Fora-de-Estrada		Ultraleve
Bungue Jump		
Cachoeirismo		
Canionismo		
Caminhadas		
Caminhada (<i>Hiking</i>)		
Caminhada (<i>Trekking</i>)		
Escalada		
Montanhismo		
Rapel		
Tirolesa		

TIROLESA

Tirolesa é uma atividade relativamente fácil de ser praticada e que não necessita de esforço físico. Com origem na região de Tirol na Áustria, sua principal função não era transmitir aventura às pessoas como um esporte propriamente dito, e sim atuar como um meio de transporte fazendo travessias de pessoas, mantimentos e animais sobre os rios e montanhas da região.

(<http://cachoeiragirassol.com.br/tirolesa-esporte-radical-para-todas-as-idades/>). Esse esporte é um “produto em que a atividade principal é o deslizamento do cliente em uma linha aérea ligando dois pontos afastados na horizontal ou em desnível, utilizando procedimentos e equipamentos específicos” (ABNT). Atualmente, esse esporte é praticado em diversos locais no mundo todo e, em alguns casos, é a atividade principal do local. Vem crescendo constantemente no Brasil, visto sua diversão e privilégio de sobrevoar rios, fendas, cachoeiras ou matas, além de que não necessita de treinamento antecipado ou esforço físico para ser praticado. (ABETA, ANO).

A tirolesa pode ser praticada em meio a montanhas, pedreiras, rios, matas, além também de locais como hotéis fazenda, clubes, parques como é o caso do Parque Vila Velha que possui o atrativo em suas instalações, entre outros pontos turísticos. Entretanto, em qualquer ocasião, é preciso estar constituída sob as normas ABNTs, que regulamento práticas de segurança.

(<https://www.lojanerea.com.br/blog/tudo-sobre-tirolesa/>).

Apesar de não exigir esforço ou treinamento, é indispensável o uso de equipamentos de segurança já que a atividade só pode ser praticada sob os fatores altura e velocidade. É composta por uma cadeirinha de alpinismo, capacete, anel de fita, corda, mosquetão e uma polia tirolesa, tais equipamentos são necessários para garantir a segurança do praticante. Após oferecer todos esses itens, o praticante é colocado sentado na cadeira fixada em roldanas, preso com mosquetões e então inicia seu trajeto ao outro lado. (<http://cachoeiragirassol.com.br/tirolesa-esporte-radical-para-todas-as-idades/>). Há duas formas para montar a tirolesa, uma sendo no sentido horizontal com o mesmo nível de altura entre os dois pontos, e a outra de maneira inclinada, sendo o ponto de partida mais alto que o ponto que da fim à atividade. (<https://www.lojanerea.com.br/blog/tudo-sobre-tirolesa/>).

Apesar dos procedimentos e itens de segurança, todo esporte tem uma parcela de riscos. Na realização da tirolesa, os maiores riscos presentes estão no manuseio dos equipamentos, na equipagem do praticante e segurança durante a descida. (ABETA, **ANO**). Por ser uma atividade praticada na altura, sendo baixa ou alta, erros no processo de equipagem ou falha nos equipamentos podem ocasionar quedas causando lesões e dependendo das circunstâncias até mesmo a morte do praticante. Sendo assim, é importante que os instrutores obtenham preparo na equipagem dos praticantes e é inevitável a presença de profissionais para possíveis emergências. (<https://www.lojanerea.com.br/blog/tudo-sobre-tirolesa/>).

Tipos de Tirolesa

As principais modalidades conhecidas são a tirolesa seca, onde o início do seu trajeto é através de uma plataforma e seu término em outra plataforma ou no próprio chão. Existe também a tirolesa molhada, onde seu término é realizado em água, podendo ser rio, lago, etc. (<http://cachoeiragirassol.com.br/tirolesa-esporte-radical-para-todas-as-idades/>).

ARVORISMO

O arvorismo é entendido como “locomção por percursos em altura instalados em árvores ou em outras estruturas”. (ABNT, **ANO**). É uma atividade onde o praticante fará travessias de plataformas montadas no alto das árvores podendo ser realizada por várias pessoas ao mesmo tempo. Por ser um fator relevante para a realização da atividade, a altura mínima adotada pela maioria dos locais que oferecem a atividade é de 1m45cm. Altura inferior a essa passa a ser de percurso infantil que crianças a partir dos três anos de idade já podem praticar, com itens adequados e condutores com qualificação de acordo com a categoria infantil, visto que as crianças geralmente não possuem noções de segurança. Para a realização completa do percurso de arvorismo, o praticante irá passar por diferentes tipos de obstáculos, onde o mesmo deve estar ciente que cada obstáculo a seguir terá maior nível de dificuldade em relação ao anterior. Por essa questão, o arvorismo permite que o praticante seja o próprio criador de sua aventura, já que além de evoluir seu nível de dificuldade, ele não será conduzido por outros meios que não sejam suas habilidades. (**MANUAL DE BOAS PRÁTICAS, ANO**). Os itens que compõe a montagem do percurso do arvorismo são falsas baianas, cordas, pontes suspensas e plataformas de madeiras fixadas nas árvores. Alguns lugares adotam a tirolesa como um dos obstáculos presentes no arvorismo. A realização dessa atividade de aventura proporciona ao praticante apreciação à fauna e a flora e integração com o meio natural. (**ACHAR A FONTE**).

Pode-se dizer que o modo com que o arvorismo é praticado hoje com técnicas de segurança adequada surgiu na década de 1980, sendo a evolução e a junção de atividades como escalada em árvores, tirolesas, circuito de cordas usado em treinamento militar, entre outras. (**MANUAL DE BOAS PRÁTICAS, ANO**). O arvorismo foi desenvolvido inicialmente de maneira significativa em três países, Costa Rica, Estados Unidos e França e apesar de possui nomes e características diferentes em cada país, o desafio e o prazer são fatores em comum quando praticado. Na Costa Rica, a atividade recebeu o nome de *canopy bridge tour* (**MANUAL DE BOAS PRÁTICAS, ANO**) e originou-se quando cientistas realizavam pesquisas que necessitava observar e/ou coletar animais silvestres, frutos, fungos, folhas, entre outros. Porém, encontravam-se apenas nos altos das árvores e para que não fosse necessário subir e descer constantemente, os cientistas passaram a utilizar cordas, cadeirinhas, mosquetões, polias, entre outros equipamentos, criando assim facilidade e praticidade para realizar as pesquisas. Alguns cientistas criaram plataformas de madeira entre as árvores sendo possível pernoitar e passar o tempo necessário para observar as espécies. (**ACHAR A FONTE**). Acreditava-se que no alto das árvores se concentravam torno de 75% das espécies da floresta tropical úmida, surgindo então a necessidade da instalação das plataformas numa altura de no mínimo 20 metros. Nos Estados Unidos a atividade surge como *challenge rope courses*, com os obstáculos de cordas ou cabos de aço colocados entre plataformas e instalados na altura através de postes de madeiras ou colunas metálicas. Na década de 1990, já se percebia um potencial turístico e de lazer na atividade e então evolui de *challenge rope courses* para *tree ropes course*. Já na França, o arvorismo recebe o nome de *parcours d'aventure*. Atualmente pode ser encontrado facilmente por todo o país, visto que lá existe uma forte tradição de atividades verticais e foi onde a atividade tornou-se um importante produto de Turismo de Aventura. (**MANUAL DE BOAS PRÁTICAS, ANO**).

ARVORISMO NO BRASIL

No final da década de 1990 surgem os primeiros registros da atividade no Brasil, porém, utilizada na maioria das vezes para treinamento empresarial. Pouco mais tarde, mais precisamente em 2001, na cidade de Brotas – São Paulo, é que é registrado pela operadora Alaya Expedições o primeiro percurso de arvorismo como Turismo de Aventura, utilizando técnicas de segurança adequada, denominado Verticália. Na mesma época, na região de Ilhéus – Bahia é construída uma passarela de arvorismo contemplativo no Eco Parque da Uma. Logo em seguida, na região de Bertioga – São Paulo é registrado também um percurso contemplativo no Parque das Neblinas, sendo importantes meios de observação e contemplação das matas e ecossistemas. Mais tarde, em 2005, é criado então percursos em ambientes fechados para eventos, geralmente instalados em shoppings centers. O sucesso da atividade no Brasil foi tão expressivo que atualmente podemos encontrar diversos percursos de arvorismo em todo o país, seja em eventos, resorts ou parques como o caso do Parque Vila Velha. (**MANUAL DE BOAS PRÁTICAS, ANO**).

EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO

O kit para a realização do arvorismo é composto pelo capacete e deve possuir regulagens na cabeça e na jugular; cadeirinha, sendo um item fácil de colocar e com dificuldade maior para tirar; autoseguro duplo, sendo feito em corda dinâmica de no mínimo 9mm; mosquetões com trava, de preferência automática; polia com roldana dupla; e o vagão, sistema que não permite que o praticante se desconecte da estrutura. Para percursos infantis ou grande fluxo de praticantes, é inevitável a utilização do vagão, já que o item proporciona maior segurança. É necessário que os EPI's

(Equipamentos de Proteção Individual) tenham certificação internacional *UIAA – Union Internationale des Associations d’Alpinisme* ou *CE – Comissão Européia*. Este último é utilizado pela maioria dos produtos comercializados na Europa e indica que tal produto está de acordo com as normas de segurança, saúde e proteção ao meio ambiente (**ALTAMONTANHA.COM/A IMPORTÂNCIA DA CERTIFICAÇÃO CE E UIAA EM EQUIPAMENTOS DE ESCALADA**). Para entendermos sua relevância sobre a qualidade dos produtos podemos compará-lo ao selo da Inmetro.

CONDUTOR DE ARVORISMO

Além das técnicas para atuar na atividade, o condutor precisa saber trabalhar em equipe, ser comunicativo, repassar informações necessárias e instruções de fácil entendimento, assim como incentivar seus praticantes, ter psicológico para lidar com diversas situações como estresse, conhecer os EPI’s que estão sendo utilizados e possuir técnicas para realizar resgates quando necessárias. O resgate ocorre quando o praticante necessita voltar ao chão, através de circunstâncias como desmaio, machucadura, desistência do percurso, entre outros. É indispensável que o local ofereça técnicas de treinamento de resgate ao condutor. (**MANUAL DE BOAS PRÁTICAS, ANO**).

A qualificação do condutor é dividida em três categorias: auxiliar ou estagiário, é primeira categoria dos condutores, não possui experiências e não assume nenhuma responsabilidade, apenas ajuda na operação e na maior parte do tempo dedica-se aos treinamentos; condutor, categoria acima do auxiliar, mas que já possui papel importante na qualidade e segurança da atividade, visto que além de atender as pessoas ajuda a colocar os equipamentos, faz os procedimentos de segurança e passa as instruções; por último, a categoria mais alta dos condutores é a especialista, possui maior experiência, coordena a operação e lidera a equipe dos condutores. (**MANUAL DE BOAS PRÁTICAS, ANO**).

TIPOS DE ARVORISMO

(**SEGUNDO ORIGEM DO ARVORISMO...**) Atualmente existem três tipos diferentes de arvorismo, sendo:

- Arvorismo contemplativo: é a modalidade mais recente existente e conta com passarelas, proteção lateral de redes e plataformas de parada. Conta com um biólogo como guia que auxilia o praticante no contato com a natureza. O intuito dessa modalidade é a observação e apreciação da natureza, logo, seu nível de dificuldade é baixo e não requer equipamentos de segurança;
- Arvorismo acrobático: modalidade bastante presente que consiste no entretenimento e apresenta graus de dificuldade na realização de seus obstáculos. É necessário equilíbrio e coordenação;
- Arvorismo técnico: realizado por pessoas com maior experiência e que possuem equipamentos próprios. O objetivo dessa modalidade é subir e/ou fazer travessias entre as copas das árvores e é bastante utilizado por pesquisadores.

CICLOTURISMO

“Atividade de turismo que tem como elemento principal a realização de percursos de bicicleta” (ABNT). Essas viagens quando ocorrem por longos percursos podem oferecer um único local de estadia e/ou também diversos meios de hospedagem. No caso de curtos percursos, denominados passeios ciclísticos, a duração é de aproximadamente um dia e o percurso acontece nas proximidades turísticas do local de vivência. (ABETA, **ANO**).

(Cicloturismo, **ANO**) aponta que o cicloturismo muitas vezes envolve outros segmentos do turismo como o ecoturismo, turismo rural, turismo de aventura, turismo cultural e o turismo gastronômico. Pode ser realizado sozinho, com a família ou em grupos durando um ou mais dias ou até meses, percorrendo áreas rurais, cidades e/ou países. Em sua visão, o praticante de cicloturismo considera todos os lugares como seu principal destino, ao contrário do turista comum que geralmente busca por um destino ou atrativo. “Nem todas as cidades possuem atrativos para todos os interesses turísticos, mas quase todas possuem atrativos aos cicloturistas”. (**CICLOTURISMO, PAG. 11, ANO**)).

A ABETA cita alguns riscos existentes na prática do cicloturismo, sendo: acidentes de trânsito, quedas ocasionando fraturas ou hematomas, por exemplo, não uso ou desgaste dos EPI's e condições físicas que comprometam a realização da atividade **e entende essa atividade como um segmento do turismo de aventura como “movimentação turística decorrente da prática de atividades de caráter recreativo e não competitivo”**. (Brasil, 2017). **ACHAR A FONTE**.

Recentemente o Ministério do Turismo aprovou a criação de um Grupo Técnico de Mobilidade Ativa e Cicloturismo. Com o segmento crescendo constantemente no país e vários desafios presentes, o objetivo deste Grupo será levantar e analisar pesquisas, iniciativas e boas práticas para a melhoria de infraestruturas e condições de deslocamentos de pessoas e ciclistas em meio a destinos turísticos, rotas ou circuitos. (Ministério do Turismo, 2022).

Edra e Teixeira (2019) apontam três modalidades que envolvem diretamente o uso da bicicleta com o turismo, sendo turismo de bicicleta, cicloturismo urbano e cicloviagem. Segundo as autoras, o turismo de bicicleta é uma atividade onde o praticante utiliza uma bicicleta ou um triciclo, realizando na cidade ou entre cidades, durando um dia ou vários dias consecutivos. O cicloturismo urbano ocorre quando o turista vai até o atrativo ou passa a conhecer a cidade através de uma bicicleta ou triciclo. O termo cicloviagem acontece quando o turista realiza uma viagem de longa distância utilizando a bicicleta. Neste caso, ao mesmo tempo em que a bicicleta é o meio de transporte, ela torna-se também o principal atrativo da viagem que geralmente duram dois ou mais dias.



REFERÊNCIAS

BELEZAS NATURAIS FAZEM DO PARANÁ POLO DO TURISMO DE AVENTURA. 2020. Disponível em: www.bemparana.com.br. Acesso em: 25 out. 2021.

PAIXÃO, Jairo Antônio da. Esporte de aventura: processo instrucional e situações de risco. **Researchgate**, Vila Real, v. 1, n. 1, p. 90-99, 09 dez. 2009.

ROSA, Maria Cristina; COSTA, Francis Carvalho; SANTANA, Jaqueline de Oliveira. Parque Estadual do Itacolomi e Atividades Físicas e Esportivas na Natureza: estudo de um equipamento de lazer. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 2-15, 13 mar. 2019.

SOARES, Juliana do Sacramento Ribeiro. **Turismo de aventura**: potencialidade para o segmento na cidade de Niterói. 2007. 85 p. Trabalho de conclusão de curso - Curso de Administração, Ciências Contábeis e Turismo, Departamento de Turismo, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

Turismo de aventura: Os principais destinos para quem ama natureza!. 2020. Publicado por Nascente Azul. Disponível em: <https://blog.nascenteazul.com.br/turismo-de-aventura/>. Acesso em: 25 out. 2021.